# Hume anti cartesiano\* - 04/10/2015

Descartes enfatizou o problema do conhecimento que vem dos sentidos que nos  
enganam, quer uma vez ou sempre. Ele suspendeu o mundo e se fechou no penso.  
Remetendo à Platão e seu mundo das ideias mais reais que o mundo real, ideias  
antes do mundo, ideias antes da existência. Platão buscava um ideal de  
conhecimento verdadeiro que vinha da ideia universal, do imutável que é em si  
e está nas coisas. Descartes flertava com o conhecimento certo e seguro que é  
estabelecido a partir de regras racionais de dedução, conhecimento  
demonstrativo e operado pelo juízo. Conhecimento de objetos matemáticos ideais  
descolados porque, para ele, se a causa do erro era o sentido, ainda assim  
precisaríamos fazer ciência.  
  
Grandes impropérios para Hume que apostou que toda ideia vinha da experiência,  
do sensível. Assim, o conhecimento possível é o da impressão que é mais viva e  
dela viria a ideia. Se não referenciasse o dado não haveria garantias.  
Descartes: cético dos sentidos, Hume: cético da racionalidade, a segurança  
cartesiana se despedaça na nossa imperfeição, na nossa limitação natural.  
Mover-se no mundo é guiar se por crenças que se comprovam na experiência, é se  
valer de hábitos adquiridos, comprovados, ousados, abusados e relacionados  
pela imaginação. A nossa natureza age assim relacionando e conhecendo o que  
há. Limitada e imperfeita, é a imperfeição que abre espaços para as conexões,  
o certo e seguro cartesiano, que é abstrato, não tem lugar aqui.  
  
Isso posto à guisa de introdução, fica a questão de saber qual \_telos\_ se  
esconde por trás de tais filosofias. Descartes queria um conhecimento  
científico e inabalável em um momento de autoridade da igreja e fez  
malabarismos. Não é tarefa fácil rasgar a tradição vigiado pela tradição. E  
achou um ponto arquimediano, enfim. Hume repousou em berço esplêndido de nova,  
mas consistente tradição racionalista, mas inovou. Ante a prova cartesiana, a  
possibilidade humiana. Hume verificou uma característica da nossa natureza que  
não acessa os segredos e causas primeiras e propôs uma filosofia experimental  
que lhe fosse adequada, a superação de uma metafísica de ciência dogmática em  
prol do possível. É porque Descartes fica no dentro, na escrivaninha, que ele  
consome e produz ideias. Hume vai para fora, para um fora de impressões e  
descobertas.  
  
De nossa parte, em meu tempo, junto os dois, mas separando-os, Descartes de  
dia e Hume de noite. Se Descartes foi ciência aqui é trabalho. Divido os dois  
não pela episteme, mas pela linguagem que hoje me intriga. Assim penso em usar  
duas linguagens, uma certa e segura e outra imperfeita. Uma pensada, útil,  
necessária, vital. Vital porque o sistema nos onera e exige essa linguagem.  
Não há espaço para divagações e ruído. O público hoje virou trabalho, o  
público não é participação política, o público é obrigação, compromisso, quase  
escravidão. De noite, fora do local de trabalho, na rua, em casa, a linguagem  
é outra, é a que viaja, relaciona. Isso talvez pareça Habermas e sua razão  
comunicativa. Mas também parece conciliação e já é um progresso do pensamento  
sair da racionalidade em algum momento.  
  
   
(\*) esboço a ser aprofundado.